

Gênero e sexualidade: uma reflexão teórica/conceitual a partir da oficina itinerante do pibidgeo.

Pedro Henrique de Souza Rafael¹
Andressa Amaral dos Santos²
Prof.^a Dr.^a Liz Cristiane Dias³

Resumo: O presente artigo tem por objetivo trazer uma reflexão teórica e conceitual sobre gênero e sexualidade, tendo como referência a oficina itinerante de Gênero e Sexualidade do Pibid Geografia da UFPel. Através dela abordamos conceitos e problemáticas das questões de gênero e movimentos sociais como, por exemplo, o feminismo. E a partir dessa experiência, notamos que, primeiramente ainda existe um longo caminho a percorrer com relação ao esclarecimento, a tolerância e produções literárias e acadêmicas que possam embasar a discussão do tema de forma não estereotipada e cheia de achismos sobre a temática. Também detectamos com base na oficina e nas reflexões geradas, que ainda há mui-

ta resistência tanto da sociedade em geral, mas principalmente, de licenciandos/as, professores/as e da sociedade que acabam por negligenciar. Dessa forma, concluímos que ainda é muito difícil abordar esses temas, pois os mesmos ainda geram polêmica e desconforto para alunos/as e familiares, principalmente porque os alunos/as são ainda muito jovens e em processo de autoconhecimento e por que ainda é expressiva as concepções conservadoras na nossa sociedade, que por sua vez ignoram as diversidades.

Palavras-chave: Gênero; sexualidade; escola; sociedade.

INTRODUÇÃO

A Geografia enquanto ciência tem entre seus conceitos basilares o espaço geográfico. “O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros” (SANTOS, 1978), nessa perspectiva percebe-se o caráter excludente do espaço.

Desse modo, trabalhar questões de gênero e sexualidade, que por diversas vezes são características para exclusão, é uma tarefa também dessa ciência. Sabe-se que de modo geral é complicado abordar essas questões dentro da escola, por conta da construção histórica e cultural do preconceito.

Sendo assim, busca-se por meio do projeto oficinas itinerantes do Pibid Geografia abordar e problematizar as questões de gênero e sexualidade, com o intuito de desmistificar e contribuir para a discussão. A oficina itinerante de gênero e sexualidade tem como objetivo trazer para alunos, alunas, professores e professoras as discussões de temas de emergência social no âmbito de gênero e sexualidade e discutir conceitos e temas que por diversas vezes são permeados por discussões superficiais.

Para este artigo tem-se como objetivo trazer a discussão



teórica e conceitual gerada por essa oficina, que por sua vez contribuiu para a reflexão sobre as questões de gênero e sexualidade nos dias atuais. Foram realizados estudos mais aprofundados nessa temática, buscando autores e referenciais que pudessem ajudar a sanar dúvidas e problematizar informações muitas vezes obtidas pelo senso comum.

O artigo busca se pautar em autores e autoras como Rogério Junqueira, Chimamanda Ngozi, Guacira Louro, entre outros e trazer uma discussão diversificada do tema, proporcionando assim diferentes perspectivas da discussão.

Iniciam-se as discussões a partir do conceito de Machismo, com uma breve discussão para contextualizar e entender o padrão machista colocado na sociedade, posteriormente traz-se o feminismo e seus conceitos, buscando-se discutir essas temáticas.

No texto também se aborda a homofobia, discussão que se faz necessária em ambientes escolares onde, muitas vezes, ser homossexual (gay ou lésbica) é motivo de bullying e discrimina-



ção. Além da homofobia, temos a transfobia que necessita de debate urgente, porque diariamente pessoas trans estão morrendo no Brasil, e isso é pouco colocado em pauta.

Posteriormente, faz-se uma discussão com base em Cláudio Picazio sobre os Pilares da Sexualidade. Em que o autor vai ponderar que a sexualidade é composta de quatro pontos: Identidade de Gênero, Orientação Sexual, Expressão de Gênero e Sexo Biológico.

A urgência dessa demanda fica clara quando trazemos esse assunto para discussões e observa-se uma relutância por abordar essas questões e certa necessidade de distanciamento do assunto por grande parte das pessoas.

Quando falamos nesses temas por si só parecem simples e esquecíveis, porém quando pensamos em vidas e constatamos que diariamente pessoas morrem porque diversas vezes essas discussões não ocorrerem dentro de casa ou dentro das salas de aula, fica clara a necessi-

dade de pensar as questões de gênero e sexualidade.

Justificativas e objetivos

A justificativa do presente artigo baseia-se em uma citação de Guacira Louro (2011), segundo a autora:

Estar atenta ao intolerável – critério significativo para alguém reconhecer o que vale a pena colocar em primeiro plano em sua vida, em suas reflexões e ações. Essa ideia, que não é minha, tomei emprestada de uma estudiosa espanhola chamada Maite Larrauri.

Onde vemos claramente a necessidade de se entender as questões de gênero e sexualidade e perceber o que é intolerável, assim como dito por Louro (2011) é preciso perceber os conceitos para saber o momento de intervir onde vemos o limite da tolerância sendo ultrapassado.

Nessa mesma perspectiva, mas com ênfase na escola Booth & Ainscow (2002) sinaliza que:

Esta dimensão cria uma comunidade segura, receptiva, colaboradora, estimulante, na qual todos são valorizados como a fundação para os mais altos sucessos de todos. Ela desenvolve valores inclusivos compartilhados que são passados a todo novo membro do Pessoal, estudantes, gestores e pais e responsáveis.

Sabendo desses fatores, devemos perceber a necessidade de o corpo escolar participar e trazer esses diálogos para diminuirmos os casos de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. A partir do momento que os alunos, alunas, gestores, gestoras, pais, mães e responsáveis entendem a dimensão dessa problematização (Gênero e Sexualidade) as discussões ficam mais fáceis e claras.

Devemos sempre ressaltar que como esse artigo foi pro-

duzido por um futuro professor e uma futura professora, certamente levamos em conta os PCNs e principalmente os temas transversais de Pluralidade cultural e Orientação Sexual e eles conduzem que: “a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela ‘invade’ a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles” (BRASIL, 1997).

Como expostos é de extrema importância que essas temáticas e discussões sejam realizadas nas escolas e dentro da sala de aula se faz clara, pois é sabido que os alunos estão diariamente expostos a essas questões, e o espaço escolar precisa refletir o que está lá fora, o professor e a professora precisam trazer a realidade do aluno para dentro do espaço escolar, principalmente para a sala de aula.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é elucidar, a partir de uma reflexão teórica, a necessidade da abordagem do tema de gênero e sexualidade na educação e no cotidiano escolar, assim problematizando essas questões no dia-a-dia da escola. Bem como, discutir teoricamente as temáticas envolvidas na oficina de gênero e sexualidade do PIBIDGeo, que muitas vezes surgem tendo como escopo o senso comum.

METODOLOGIA

A metodologia deste artigo tem como base a revisão bibliográfica da discussão aqui enfatizada, verificando textos que problematizam essa temática e que questionam as diferentes perspectivas de gênero e sexualidade.

Fundamentando-se em autores brasileiros como Guacira Louro, Rogério Junqueira e Milton Santos. E com base em autores internacionais, Booth e Ainscow e Chimamanda Ngozi, visando-se trazer diferentes ângulos destas problemáticas.

Com um aporte teórico variado e com um tema com muitas influências de senso comum, busca-se fazer uma reflexão diante des-

sas discussões, enfatizando assim os conceitos e as discussões que o permeiam.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde os primórdios da sociedade hominídea podemos constatar que havia dois sexos: o masculino e o feminino. Mesmo assim, não existia uma obrigatoriedade de relações amorosas ou sexuais entre esses dois sexos. Podemos dizer que, o que fez com que o ser humano realizasse intercursos com o sexo oposto, foi a dimensão cultural e a questão da reprodução.

MACHISMO

O machismo nasce da sociedade patriarcal que valorizava o homem demonstrando sua falsa superioridade e fazendo com que o papel da mulher na sociedade fosse cada vez mais desvalorizado e as mesmas cada vez mais oprimidas.

Contudo, foi somente a partir das sociedades consideradas basilares da civilização ocidental como as da Grécia e Roma que o papel da mulher na sociedade já havia sido fortemente reduzido frente ao do homem, de forma que o indivíduo do sexo feminino tivera sua esfera de atuação limitada ao campo doméstico e familiar, jamais alcançando pleno exercício de direitos sociais e políticos permitidos ao sexo masculino, que assumiam as responsabilidades ligadas ao trabalho e chefia.

Na Roma Antiga a mulher vivia sob tutela perpétua, jamais gozando de autonomia patrimonial ou política, ficando sob o gerenciamento do *pater familias* (termo que significa o mais elevado estatuto familiar na época: o marido ou um tutor; homens que, em seu papel familiar, tinham poder absoluto sob sua mulher, como um chefe).

Existem relatos históricos que contam que na Grécia antiga, a dita superioridade masculina era tanta que os homens só tinham relações amorosas com outros homens, pois as mulheres eram inferiores e impuras, e só serviam para a reprodução. Pensamento esse que se assemelha a ideia de objeto que serve apenas para

um propósito e não de que a mulher era um ser humano.

Vejamos então o conceito de machismo segundo Caplan (1990, p. 171),

Machismo ou chauvinismo masculino⁴ é o conceito que se baseia na supervalorização das características físicas e culturais associadas com o sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, pela crença de que homens são superiores às mulheres. Em um termo mais amplo, o machismo, por ser um conceito filosófico e social que crê na inferioridade da mulher, é a ideia de que o homem, em uma relação, é o líder superior, na qual protege e é a autoridade em uma família.

Para Drumont (1980, p. 81), “em Termos da colocação adotada, o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”.

Na sociedade atual podemos observar diariamente nas casas, na rua, nas escolas etc., situações que demonstram esse machismo em diversos momentos cotidianos e que passam muitas vezes despercebidos aos olhos da sociedade por estarem acostumados com esse comportamento e pensamento patriarcal.

Um exemplo disso dentro das escolas que não possuem uniformes é a questão da vestimenta feminina. O que podem ou não podem usar para ir à escola. Certamente que o calor não justificaria ir pelado ou de biquíni ou sunga para a aula. Mas o que entra em debate aqui é: por que a roupa dos meninos não é sinônimo de erotização?

Muitos meninos vão à escola com bermudas, calças e camisetas bem apertadas, mostrando o contorno de sua silhueta. Porém o que não se vê é alguém reclamando disso ou meninas estuprando esses rapazes com a desculpa que eles “provocaram isso usando esse tipo de roupa”. Mas o que se vê são inúmeros tipos de assédio com meninas que vão com shorts ou saias para a aula.

Esses assédios vão desde xingamentos e tortura psicológica até estupro. Tudo por conta desse pensamento de que o homem possui o corpo da mulher e em razão disso pode fazer com ele o que bem entender e quando quiser.

Por conta dessa violência e de muitas outras que o sexo feminino vem enfrentando há milhares de anos é que surge o movimento feminista.

FEMINISMO

Antes de qualquer coisa, vejamos uma simples definição do que é o feminismo, segundo Marques (2015), “feminismo é um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres e que existe desde o século XIX”.

Podemos precisar que o feminismo tem origem no ano de 1848, na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque. Este movimento adquire cunho reivindicatório por ocasião das grandes revoluções. Participaram ativamente da Revolução Francesa e um exemplo de conquistas adquiridas nessa reivindicação é o direito ao divórcio, porém ainda com muitos preconceitos e discriminações acerca de mulheres que se divorciavam.

Em 1960, com a publicação do livro, *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, houve uma influência no movimento feminista, de forma que ilustra que a hierarquização dos sexos é uma construção social e não uma questão biológica, que a condição da mulher na sociedade é uma construção da sociedade patriarcal. Assim, a luta do movimento feminista vai além da busca pela igualdade de direitos e incorpora a discussão acerca das raízes culturais da desigualdade entre os sexos.

Por conta da oposição a essas normas hegemônicas de atuação dos homens na sociedade, e pela ignorância acerca dos objetivos do movimento, este recebe diversas críticas. Muitas pessoas acreditam que as feministas pregam o ódio contra o sexo masculino ou tentam vê-los como inferiores.

É importante ressaltar aqui

a diferença entre o feminismo e o femismo. O feminismo busca igualdade de direitos entre homem e mulher na sociedade. “Feminista, é a pessoa que acredita na igualdade social política e econômica entre os sexos” (CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, 2013)⁵

Já o femismo acredita que, [...] a libertação da mulher só virá quando a mulher inverter a lógica do patriarcado, construindo uma espécie de sociedade matriarcal, aonde as mulheres detenham o poder, para com isso pagar a dívida histórica que a sociedade patriarcal deixou, criando condições para as mulheres manifestarem sua identidade (ROSSI, 2011.)

Os grupos feministas podem ser vistos, ainda, como destruidores dos papéis tradicionais assumidos por homens e mulheres ou como destruidores da família.

As feministas afirmam que sua luta não tem por objetivo destruir tradições ou a família, mas alterar a concepção de que o lugar da mulher é em casa, cuidando dos filhos. O compromisso dos movimentos feministas é pôr fim à dominação masculina e à estrutura patriarcal. Com isso, acreditam que garantirão a igualdade de direitos.

É imprescindível ressaltar também que o movimento feminista como um todo, não prega que a mulher não pode estar em casa cuidando dos filhos, mas sim que exista o direito à escolha do que realmente a mulher deseja fazer sem que haja uma repressão social ou familiar.

São graças às conquistas do movimento feminista que hoje se tem leis, como a Maria da Penha que criminalizam a violência contra mulher. Mas ainda existe um longo caminho a percorrer para se ter igualdade de gêneros e, por isso é muito importante que este assunto esteja sendo debatido em toda a sociedade, inclusive na escola.

HOMOFOBIA

Quando se fala em Homofobia, a primeira relação que fazemos em nossa cabeça é a de agressões físicas e

verbais, porém ela ultrapassa esses fatores como diz Rogério Junqueira (2009, p.9):

A Homofobia transcende tanto aspectos de ordem psicológica quanto a hostilidade e a violência contra pessoas homossexuais (gays e Lésbicas), bissexuais, Transgêneros (especialmente travestis e transexuais). Ela, inclusive, diz respeito a valores, mecanismos de exclusão, disposições e estruturas hierarquizantes, relações de poder, sistemas de crenças e de representação, padrões relacionais e identitário, todos eles voltados a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade, centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero.

Como descrito na citação, a Homofobia também está ligada com o fato de tentar colocar os e as homossexuais em um padrão que não é o deles e delas, colocá-los em caixas que destoam de tudo aquilo que foi construído política e culturalmente pelos mesmos.

Porém, quando trazemos para discussão a homofobia, temos que lembrar do papel e carga social que ser gay carrega e, como isso é importante para quebrar o padrão heteronormativo patriarcal que vem imperando na sociedade. A partir do momento que mulheres não tem que necessariamente se relacionarem com homens e homens podem se relacionar com outros homens, essa orientação sexual vem para quebrar essa produção machista da sociedade.

TRANSFOBIA

Transfobia, conhecida como aversão, como atitudes ou sentimentos negativos as pessoas trans, sejam elas Transexuais, Travestis ou Transgêneros.

A transfobia aparece na sociedade de várias formas muitas vezes imperceptíveis pela maioria das pessoas, como arrumar emprego, ou até mesmo conseguir ficar na escola

sem sofrer uma serie de discriminações.

Esse preconceito permeia nossa sociedade diariamente, onde mulheres trans que se identificam enquanto mulheres são tratadas por pronomes masculinos. Trans são mortas diariamente apenas por serem trans. Na escola, elas e eles acabam desistindo, pois não conseguem aguentar a carga de preconceitos que são submetidos diariamente. Com isso a única escapatória para muitas e muitos é a prostituição, que não deve ser entendida como uma opção, mas sim como a única maneira de sobrevivência.

PILARES DA SEXUALIDADE

Quando falamos em Sexualidade temos que pensar em vários fatores que influenciam na mesma, como a pessoa se identifica enquanto pessoa, como ela se orienta sexualmente falando, como ela expressa seu papel para a sociedade e os fatores biológicos. E quando falamos nesses quatro fatores, temos quatro nomes para eles: Identidade de Gênero, Orientação Sexual, Expressão de Gênero e Sexo biológico.

Todos esses vetores levam consigo também os papéis sociais e cargas sociais envolvidos, e as consequências diárias dessas funções políticas, sabendo que isso acarreta vários “problemas” e retaliações, como o papel de um ou uma homossexual na sociedade, ou de uma mulher trans., de uma travesti. E mesmo com tanto impedimentos eles e elas continuam a luta diariamente, tanto por sobrevivência como por visibilidade, e sinteticamente eles e elas não estão pedindo muito, apenas aquilo que é diariamente negado pela sociedade.

IDENTIDADE DE GÊNERO

O termo identidade de gênero se refere ao gênero que a pessoa se identifica independentemente do sexo biológico, de orientação sexual ou expressão de gênero. Ou seja, alguém pode ter nascido com órgão genital feminino, mas se identificar com brincadeiras, roupas dentre outras formas de manifestações pessoais ditas masculinas.

Portanto, essa pessoa pode mesmo sendo mulher de nascimento, se identificar como homem. Mas isso não necessariamente significa que ela irá se vestir como tal ou se interessará por mulheres para ter relações amorosas ou sexuais.

A identidade de gênero é então, em suma, como nos sentimos, com o que nos identificamos e o que gostamos, é quem somos, independente de como nascemos.

Orientação Sexual

A orientação sexual também independe totalmente de questões de identidade de gênero, de sexo biológico ou de expressão de gênero. Logo, a orientação sexual de uma pessoa indica por quais gêneros ela se sente atraída, seja física, romântica e/ou emocionalmente.

O termo orientação sexual é considerado mais apropriado do que opção sexual ou preferência sexual, porque opção indica que uma pessoa teria escolhido a sua forma de desejo. O que não é o caso, mesmo que o indivíduo seja assexual (nenhuma - ou raros, ou específicos momentos de - atração sexual), bissexual (atração por mais de um gênero - ou, por dois gêneros e outros gêneros), heterossexual (atração pelo gênero oposto), homossexual (atração pelo mesmo gênero) ou pansexual (atração por todos os gêneros).

Mesmo hoje com tantas pesquisas acerca de como se define a orientação sexual de uma pessoa, não se tem uma resposta que explique essa questão. Porém independentemente disso, podemos fazer uma relação simples entre escolha e algo que não podemos evitar.

Pensando em uma sociedade qualquer, seja a real ou uma sociedade alternativa, onde só existisse uma forma de relações amorosas e sexuais aceitas e todas as outras fossem abominações, você escolheria, frisando que seria por livre e espontânea vontade, ser diferente dos demais, sabendo que as consequências disso trariam sofrimento, dor, preconceito, medo, depressão, espancamento, morte, dentre outras?

Trazendo o filme Orações

para Bobby, de 2009, nós temos uma resposta para essa pergunta. Ninguém gostaria de ser morto por intolerância, desprezo e violência pelo simples fato de amar ou se sentir atraído sexualmente por outra pessoa, de forma que para a sociedade isso seja errado.

Mas ainda que a pessoa houvesse escolhido, a questão indefere do fato de ser uma escolha ou não. A preocupação principal deve ser com o respeito, com todas as orientações sexuais, respeito com todas as pessoas desligando-se do fato de sua orientação sexual. Quando o respeito imperar, tanto irá fazer se foi uma escolha ou algo biológico.

EXPRESSÃO DE GÊNERO

Expressão de Gênero é o conjunto de informações que você expressa socialmente, essas informações envolvem vestimentas, piercings, tatuagens, cabelo, maquiagem, readequações corporais, que levam em conta o papel sociedade que isso tudo acarreta. Sabendo que a expressão de Gênero não tem nada a ver com a sua orientação sexual, ou sua identidade de gênero.

É necessário entender que Expressão de Gênero é como a pessoa se comporta na sociedade, e por mais que o marketing e a mídia imponham que existem roupas e objetos de homem ou de mulher, temos que ter em mente que os objetos não têm gênero, quem faz o gênero das coisas somos nós, a partir do momento que usamos.

Devemos levar em conta as expressões de Gênero não-Binárias, que não levam em conta essa dualidade Homem/Mulher, baseiam-se em expressões ambíguas, neutras, agêneras, múltiplas e parciais. Considerando a expressão de Gênero como algo que não precisa estar ligada a uma coisa só, mas a qualquer função que a pessoa que expressa quiser.

Sexo Biológico

O sexo biológico é uma classificação das gônadas, genitálias, gametas ou composição cromossômica de alguém. Ou seja, é a forma como a pessoa nasce anatomicamen-

te falando, de acordo com suas genitálias, principalmente.

Se o indivíduo nasce com uma vagina e aparelho reprodutor uterino, se denomina aquele ser de menina e se o indivíduo nasce com um pênis e testículo, se denomina aquele ser de menino.

Essa classificação não considera aspectos psicológicos daquele ser e é totalmente separada das questões de orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero. É uma classificação utilizada desde os primórdios da humanidade e é utilizada para designar o sexo de qualquer animal.

Há seres que são intersexuais, que significa que há alguma diferença nos órgãos genitais que dificulta e/ou impossibilita a classificação citada acima. Para “solucionar” o problema, existe um procedimento cirúrgico, que pode ser aconselhado por médicos e decidido pela família, que define o sexo do indivíduo. Normalmente se escolhe pelo sexo feminino, pois o mesmo terá maior utilidade do que um pênis não funcional, o que seria mais difícil de aceitar socialmente.

O problema é que essa prática não leva em conta as questões de identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual, portanto aquele indivíduo pode nunca se identificar consigo mesmo e ter grandes dificuldades em compreender sua sexualidade.

A medicina não é a grande vilã da história, antes, é parte da ordem social que exige que as pessoas tenham um sexo verdadeiro – homem-masculino e mulher-feminina – e que essa verdade esteja sinalizada no corpo. A anatomia ainda funciona como o lugar primário para anunciar a verdade dos sujeitos (PINO, 2007, p. 171).

CONSIDERAÇÕES

Ao longo da construção desse artigo, ficou clara a necessidade de trazer esses questionamentos e discussões para a sala de aula, sendo assim é reiterada aqui a impres-

cindibilidade dos professores e professoras serem preparados em suas formações para problematizar essas questões.

Também é primordial a participação ativa dos pais, mães e responsáveis, na construção coletiva desse diálogo voltado a gênero e sexualidade, pautado claramente no respeito às diversidades, sejam elas de gênero, sexualidade, religiosa etc.

Com esse entendimento, temos como grande objetivo a sistematização de conceitos, buscando assim a desmistificação de tabus presentes na educação e na sociedade como um todo, na sala de aula e fora dela, assim refletindo positiva-

mente na realidade do aluno.

Compreendemos que este artigo é um ato mínimo, mas que faz parte de um movimento de respeito ao próximo, não importando aspectos de gênero e sexualidade, para que as pessoas se aceitem como são e parem de enxergar os outros com desdém e inferioridade.

É muito importante que passos assim sejam dados, para que a sociedade possa entender que não é expondo as diferenças dos outros e as negatando que uma suposta superioridade será alcançada. Quando for possível a compreensão de que realmente o que importa é a igualdade, aí teremos alcançado um

avanço incrível, mas para isso é realmente necessário que essas temáticas sejam abordadas em sala de aula e em casa.

Também é indispensável dizer que entendemos claramente as dificuldades que as escolas enfrentam, ainda hoje, na abordagem desses assuntos. Por conta disso é tão significativo atos como este da oficina itinerante do PIBIDGeo sobre Gênero e Sexualidade ao desmitificar conceitos e estereótipos até então construídos na nossa sociedade, priorizando dessa forma a conscientização das pessoas, em prol da vida e do respeito mútuo.

Referências

- ALVES, R. A **Alegria de ensinar**. Campinas: Papirus, 2003.
- ADICHIE, C.N. **Sejamos todos feministas**. Traduzido por: Cristina Baum. São Paulo: Cia das Letras, 2015. Pág. 64.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**. Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais. V.10. MEC. Brasília. 1997.
- BOOTH, T.; AINSLOW, M. **Índice Para a Inclusão: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola**. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Produzido pelo Lapide, 2002.
- BORTOLINI, A. **Diversidade sexual e de gênero na escola**. Revista espaço Geográfico, Brasília, v.123, p. 27-37, agosto 2011.
- CAPLAN, Paula. **Delusional Dominating Personality Disorder**. (Em inglês). *Activist Men's Journal* (Volume 17) (Número 1): 171-174. 1990.
- DRUMONT, M.P. **Elementos para uma análise do Machis-**
- mo. *Perspectivas*, São Paulo, 3: 81-85, 1980
- FURLANI, J. **Mitos e Tabus da sexualidade Humana**. Florianópolis: CEPEC Editora, 1998.
- FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática de libertação – uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- JUNQUEIRA, R. D., **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Bagoas n.04 2009 p. 171-189. Disponível em <www.cchla.ufrn.br/bagoas/v03n04art09_junqueira.pdf>
- LOURO, G. L. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**. *Form. Doc.*, Belo Horizonte, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Disponível em <http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br>
- MARQUES, R. **O que é feminismo?** Disponível em: <<http://meexplica.com/2015/11/o-que-e-feminismo/>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.
- PINO, N.P. **A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos**. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007:149-174,
- RENA, L. C.C.B. **Sexualidade e Adolescência: As oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ROSSI, C. F. **Feminismo ou Femismo? São coisas completamente diferentes**. 2011. Disponível em: <<https://feminismosempre.wordpress.com/2011/07/10/feminismo-ou-femismo-sao-coisas-completamente-diferentes/>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978
- SILVA, D. M. **Relações de gênero no espaço escolarizado: o desafio de integrar polaridades**. In: FRAZÃO, Lillian Meyer; ROCHA, Sergio Lizias C.de. O. (Orgs) *Gestalt e Gênero*. [S.L.]: livro pleno, 2005.
- TAGLIAMENTO, G.; BEIRAS, A.; TONELI, M.J.F. **Revisitando seus próprios valores: trabalhando sobre sexualidade e gênero junto a educadores**. Extensão: Florianópolis, 2005.
- WEEKS, J.. **O corpo e a sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes, (org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001¹

1 Licenciando em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel e bolsista do PIBID Geografia UFPel. E-mail: pheniquerfael@gmail.com;

2 Licencianda em Geografia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel e bolsista do PIBID Geografia UFPel. E-mail: dessapel95@gmail.com;

3 Doutora em Ensino de Geografia (UNESP 2008), Mestre em Ensino de Geografia (UNESP 2003) e graduada em Geografia (UNESP 2000). Atualmente é professora adjunta III do Instituto de Ciências Humanas/Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. É Gestora Educacional do PIBID/UFPel. E-mail: liz.dias@yahoo.com.br;

4 A palavra "chauvinista" foi originalmente usada para descrever alguém fanaticamente leal ao seu país, mas a partir do movimento de libertação da mulher, nos anos 60, passou a ser usada para descrever os homens que mantêm a crença na inferioridade da mulher, especialmente nos países de língua inglesa. A expressão, "chauvinista masculino", é proveniente do nome de Nicolas Chauvin, soldado francês que foi considerado o melhor exemplo de como um homem deve ser, era corajoso, honrado e perseverante. No espaço lusófono, o termo chauvinista é utilizado, mas "machista" é muito mais comum.

5 Fala da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, no discurso "We Should all be Feminist", no ano de 2013.